

**“A DIVINA COMÉDIA” DE DANTE
100 GRAVURAS
DE SALVADOR DALÍ**

**EDIÇÃO PORTUGUESA DE 1974
TRADUZIDA POR ALEXANDRE O’NEILL**

16 MAIO > 17 JUNHO

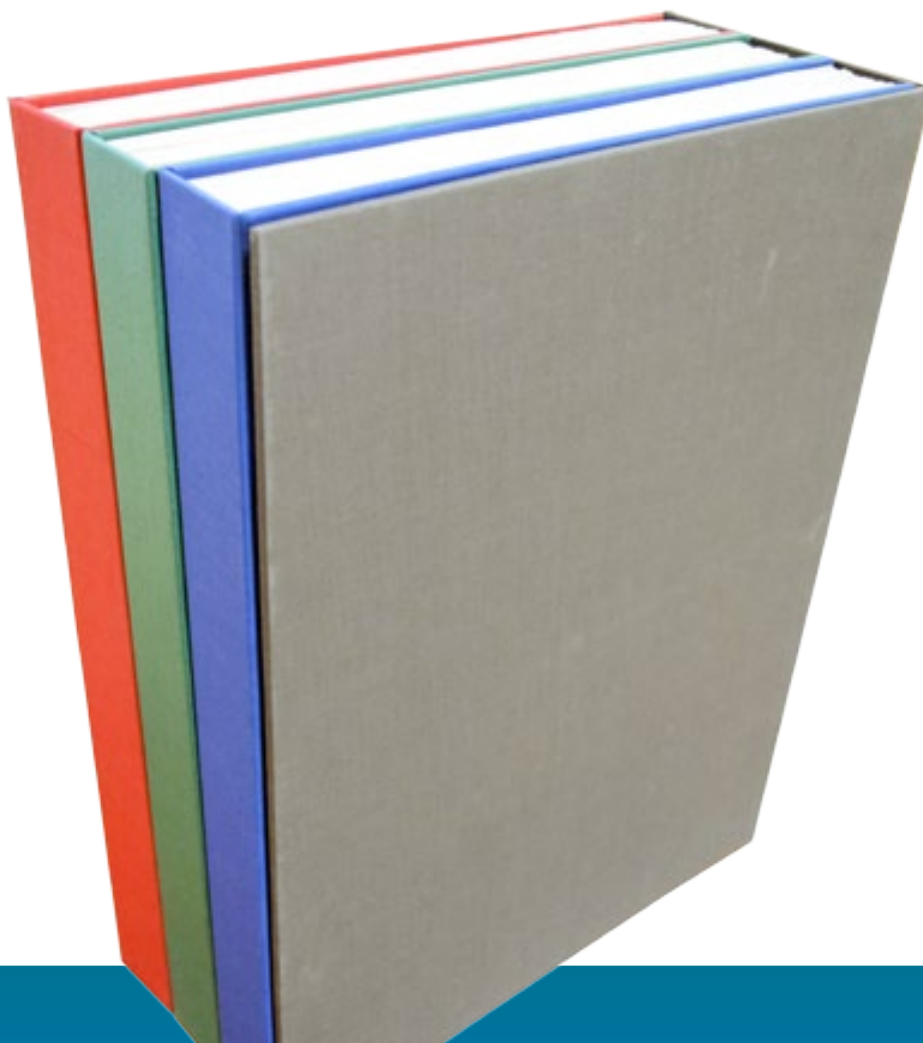
CPS - CCB

 **CPS**
Centro Português de Serigrafia

A EDIÇÃO PORTUGUESA

A edição portuguesa, desconhecida do grande público, foi publicada em 1974 pelas Edições Diprove de Lisboa, numa tiragem de apenas 100 exemplares, contendo as 100 gravuras originais de Dalí, com a assinatura impressa do artista em cada. Cada gravura foi impressa por Jean Estrade sobre o papel Rives BFK original e foi inserida numa capa em papel Arches dobrada a meio e com abertura para a imagem.

O conjunto, contendo as 100 gravuras de Dalí, é fornecido numa caixa-estojo dividida em três capas de tecido, vermelho, verde e azul, correspondentes a Inferno, Purgatório e Paraíso. O texto com respetivamente 34, 33 e 33 tercetos selecionados, foi traduzido do original para português pelo poeta surrealista Alexandre O'Neill e foi composto e impresso em Janeiro de 1974 nas Oficinas Gráficas Henry Gris, Lisboa.



O CONVITE DE 1974



A TRADUÇÃO DE ALEXANDRE O'NEILL

Alexandre Manuel Vahia de Castro O'Neill de Bulhões, descendente de irlandeses, nasceu em Lisboa em 1924. Fez o liceu e frequentou a Escola Náutica. Em 1948 foi um dos fundadores do Grupo Surrealista de Lisboa, com o poeta Cesariny, José-Augusto França, António Pedro e Vespeira e colaborou na *Ampola Miraculosa*, livro de colagens surrealistas. Seguiram-se *Tempo de Fantasma* (1951), já marcado por um afastamento do Grupo surrealista, *No Reino da Dinamarca* (1958), obra que o consagrou definitivamente como poeta, *Abandono Vigiado* (1960), *Poemas com Endereço* (1962). Em 1953, e durante 40 dias, O'Neill ficou preso pela PIDE. Não conseguindo viver apenas da sua arte, trabalhou em publicidade, sendo da sua autoria o

lema publicitário "Há mar e mar, há ir e voltar". É também autor da letra do fado *Gaivota*, de Amália. Foi cronista em jornais como o *Diário de Lisboa*, *A Capital* e o *JL*; encarregado de uma Biblioteca Itinerante da Fundação Calouste Gulbenkian e tradutor. Publicou as *Antologias Poéticas* de Gomes Leal e de Teixeira de Pascoas, de Carl Sandburg e João Cabral de Melo Neto. Gravou o disco «Alexandre O'Neill Diz Poemas de Sua Autoria» e em 1982 recebeu o Prémio da Associação de Críticos Literários. Em 1984 foi editada a obra "Poesias Completas, 1951-1983". O Poeta morreu em 1986.

A 10 de Junho de 1990, a título póstumo, foi feito Grande-Oficial da Ordem Militar de Santiago da Espada.

MESTRIA NA ARTE DE IMPRESSÃO

Durante quatro anos ininterruptos, de abril de 1959 a novembro de 1963, ao excecional talento de Dalí juntou-se a mestria da arte de impressão dos gravadores Raymond Jacquet e Jean Taricco do Atelier de Jean Estrade que exigiu 3.500 placas de madeira de buxo, para restituir toda a riqueza da fascinante gama cromática.

Cada tom corresponde a uma placa, o que resulta numa média de 35 por cada gravura.

Para comemorar em 1965 os 700 anos do nascimento de Dante Alighieri, o governo italiano planeou uma edição especial de A Divina Comédia convidando o artista espanhol Salvador Dalí para a ilustrar. Para esta edição, Dalí realizou 101 aguarelas entre 1950 e 1952, apresentadas ao público italiano em 1954 no Palazzo Pallavicini Rospigliosi, em Roma. Devido às oposições internas por ter sido selecionado um artista estrangeiro em detrimento de um italiano, o governo cancela a encomenda da edição. O projeto é retomado em 1959, em Paris, por Joseph Foret, que tinha publicado anteriormente outros álbuns de Dalí, por exemplo as gravuras para o D. Quixote, que inicia a produção no ateliê de Jean Estrade da editora francesa Les Heures Claires.

Os trabalhos foram apresentados em Paris, em momentos diferentes, em 1960, o Inferno, em 1962, o Purgatório e em 1964, o Paraíso.

Joseph Foret publica em 1964 a edição de luxo e Les Heures Claires de Jean Estrade a edição regular francesa, em conjuntos que contêm as 100 gravuras de Dalí acompanhadas do texto traduzido de A Divina Comédia.

Posteriormente a editora Arti e Scienza Salani publica em Florença a edição italiana. Tal como a francesa, estas gravuras não incluem a assinatura do artista impressa, excetuando duas. Em 1974, a Naffouj Gallery de Landstuhl na Alemanha, lança a edição alemã, em formato de álbum com três conjuntos distintos, Inferno, Purgatório e Paraíso e com um terceto da obra selecionado para cada imagem. Todas as gravuras têm a assinatura de Dalí impressa, o que as veio a tornar mais valiosas. Também em 1974 a Diprove publica em Portugal uma versão portuguesa de apenas 100 exemplares, formalmente muito idêntica à edição alemã.



A DIVINA COMÉDIA

EDIÇÃO PORTUGUESA DE 1974

Editor Diprove, Lisboa

Local e data da realização das Gravuras Atelier de Jean Estrade, 1959-63

Papel BKF Rives

Dimensão das gravuras 33 x 26,5 cm (aprox.)

Assinatura de Dalí Impressa em todas as 100 gravuras

Tradução Alexandre O'Neill

Impressão do texto Oficinas Gráficas Henry Gris, Lisboa

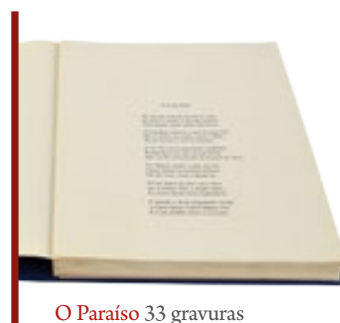
Tiragem 100 exemplares numerados de 1 a 100



O Inferno 34 gravuras



O Purgatório 33 gravuras



O Paraíso 33 gravuras

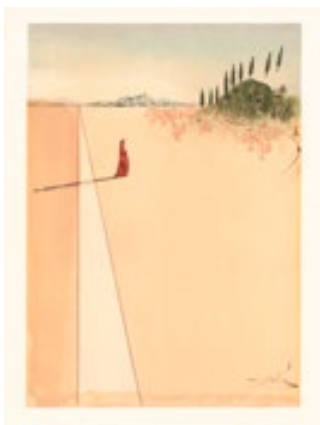
“O intemporal friso das desventuras e venturas humanas, dos pecados e das virtudes, na crueza e na poesia das suas imagens, desfila perante os nossos olhos na poesia de Dante, culminando na revelação da luz e do Amor “que move o Sol e as outras estrelas”. Cintila agora na realidade pulsional e onírica de Salvador Dalí entre o rigor convulsivo do desenho e o esplendor das manchas que a aguarela dilui para transformar nas criaturas vivas da arte e do imaginário prodigioso do pintor.”

Maria João Fernandes (A.I.C.A. - Associação Internacional de Críticos de Arte)

A DIVINA COMÉDIA DE DANTE

Inferno, Purgatório e Paraíso, na visão do genial pintor espanhol, inspiram-se na obra imortal de Dante, “a grande voz da 1ª Renascença, a mais alta figura poética entre Virgílio e Shakespeare”, segundo o professor Marques Braga, um dos seus tradutores em Portugal, antes da celebrada versão de Vasco Graça Moura. Este poema alegórico desenrolou-se miticamente em 1300, durante sete dias, de 7 a 14 de Abril. Escrito em tercetos, divide-se em três partes e em cem Cantos, no decurso dos quais Dante realiza uma viagem imaginária e iniciática, primeiro aos círculos infernais, acompanhado por Virgílio, até ao centro da terra onde se encontra Lúcifer. Regressando à superfície terrestre, sobe a montanha do purgatório, para, guiado pela sua amada Beatriz, ser admitido no paraíso, de onde, voando pelos nove céus, termina a maravilhosa viagem na contemplação divina.

O INFERNO



I

Levantei o olhar e vi-lhe a espalda
Brilhar à luz do certo planeta
Que orienta cada um pela sua estrada.



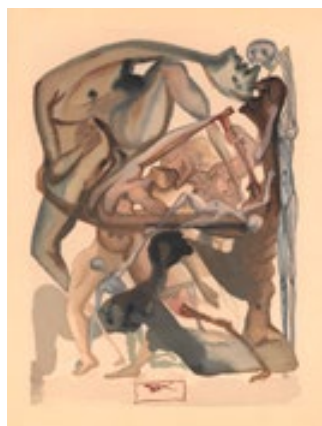
II

Estava eu entre as almas suspensas
E mulher me chamou, tão pura e bela
Que suas ordens de mim seriam queridas.



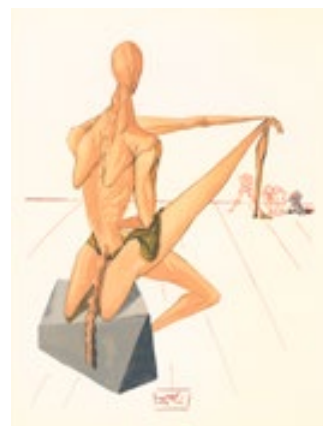
III

E de nós se avizinha, em sua barca,
De câs coberto, um velho que nos grita:
"Ai de vós, ó almas condenadas!"



IV

E enquanto falava, ia adiante;
E ainda mais, em nossa via, nos cercava
De almas a espessa selva pululante.



V

Lá estava Minos que, feroz, rangia.
Examinava as culpas à entrada
E condenava enquanto se estorcia.



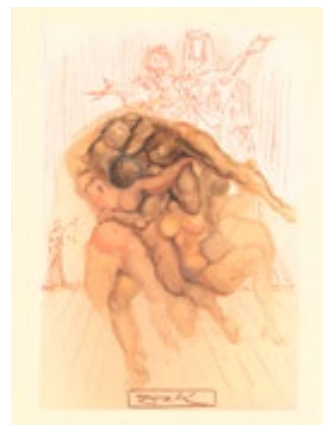
VI

Cérbero, fera cruel e em si diversa,
Com três goelas caninamente ladra
Contra a gente que ali está imersa.



VII

Ali, mais numerosos, os danados,
A um lado e outro, urrando, volteavam
Com os peitos os fardos mais pesados.



VIII

E estes batem-se, não só à mão fechada,
Mas com os pés, os peitos, as cabeças,
E uns aos outros se rasgam à dentada.



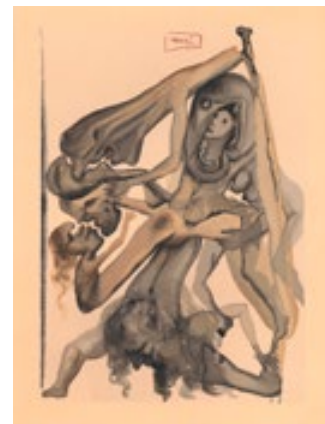
IX

*Com as unhas cada qual retalha o peito;
Desfere os punhos e tão alto grita
Que, de terror, ao Vate eu mais me estreito.*



X

*Como ao pé do seu túmulo era chegado,
Olhou-me breve e quase desdenhoso
Disse: "Quem são os teus antepassados?"*



XI

*Pelo modo referido desatados
Os vínculos de amor que fez Natura,
No círculo segundo estão guardados...*



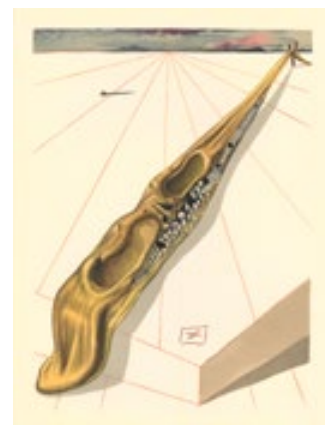
XII

*"Mas julgarás", meu sábio lhe bradou,
"Que aqui vais encontrar esse Teseu
Que no reino dos vivos te matou?"*



XIII

*De homens descemos a árvores dolentes.
Devia a tua mão ser mais piedosa,
Ainda que houvéssemos almas de serpentes"*



XIV

*Os que rodavam, menos numerosos
Que aqueles assentados por tormento,
Mostravam-se, todavia, mais queixosos.*



XV

*Aqui e ali, agitavam-se em tremuras
Sem fim as pobres mãos que sacudiam
Daqueles corpos novas queimaduras.*



XVI

*De uma alta falésia despenhada,
Ouvimos ressoar a água tinta,
Tão forte que já surdos nos deixava.*



XVII

*"Eis o monstro da cauda como seta,
Que passa montes, destrói muros, armas;
Eis o monstro que todo o mundo infecta!"*



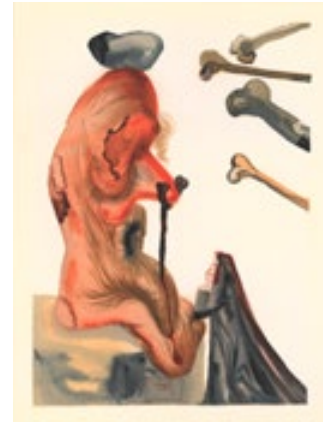
XXVIII

*Ela afasta-se nadando devagar,
Rodopia descendo, e eu só a sinto
Pelo ar que a meu rosto vem soprar.*



XIV

*Por entre as negras rochas divisava
O tropel de diabos que, a chicote,
Os danados por detrás flagelava.*



XX

*E batendo na cabeça, confessou:
"Aqui me submergiram as lisonjas
Que a minha língua, pródiga, soltou".*



XXI

*Desses poços saíam, se mostravam
Os pés dos danados, suas pernas
Até ao meio; os corpos lá ficavam.*



XXII

*Vê estas infelizes que largaram
Lavores de agulha, roca, lançadeira,
E cartas deitaram, filtros prepararam.*



XXIII

*Não explicara ele todo o projecto,
Quando os vi, as asas desdobradas,
Atrás de nós, e já bastante perto.*



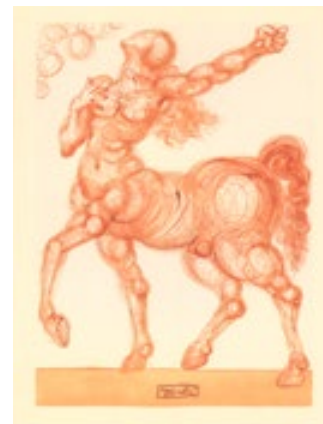
XXIV

*E vi, lá dentro, um tal amontoado
De terríveis serpentes, tão diversas,
Que ainda me gela o sangue ao só lembrado.*



XXV

*Atrás das costas são as mãos ligadas
Por serpentes, que os cingem pela frente
E as pontas nos rins têm cravadas.*



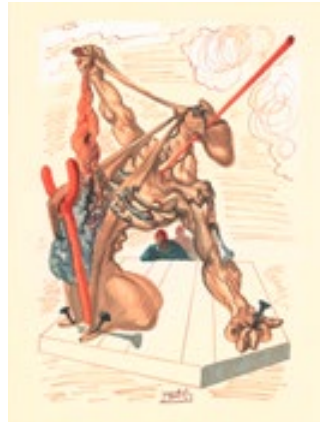
XXVI

*Ele fugiu, depois de tudo dito,
E então vi um centauro que acorria
E gritava: "Onde está esse maldito?".*



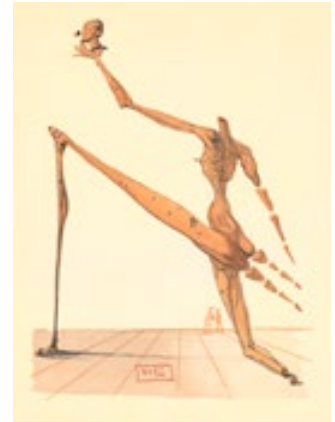
XXVII

*Que despertar eu tive, oh triste sorte
Quando ele me agarrou e perguntou:
"Sabias que a lógica é o meu forte?"!*



XVIII

*Quando à ponte chegou, perto de nós,
O braço com a cabeça levantou
Para que ouvíssemos melhor a sua voz.*



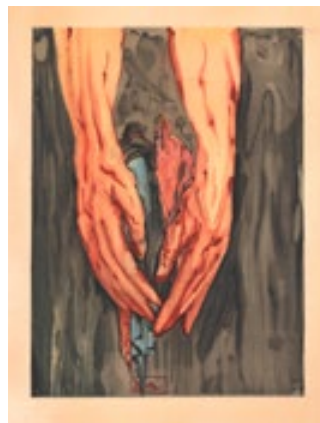
XXIX

*Entre as pernas as tripas derramava;
Viam-se-lhe as entranhas e o saco
Que faz merda daquilo que se traga.*



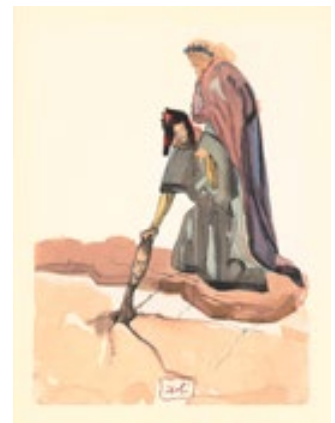
XXX

*Lançando-se a Capôquio, uma enterrou
No seu pescoço as pernas com tal força
Que, ao puxar, ao chão ele tombou.*



XXXI

*Assim eu vi Anteu, e admirado
De o ver inclinar-se, antes quisera
Um caminho diverso haver tomado.*



XXXII

*Agarrei-o, então, pelo cachaço
E gritei-lhe: "Diz-me já quem és
Ou de todo o cabelo te desfaço!".*



XXXIII

*Eu não chorava, não: petrificava.
Choravam eles, sim, e o meu Anselmo:
"Por que assim olhas, ó pai?" me perguntava.*



XXXIV

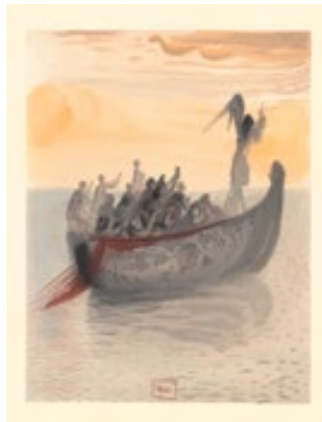
*Meio corpo do gelo levantava
O imperador do reino doloroso
E a um gigante eu mais me assemelhava.*

O PURGATÓRIO



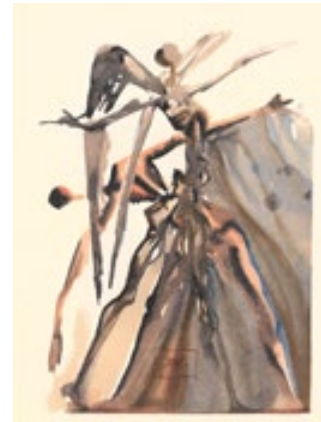
I

*Este reino segundo vou cantar
Aqui se purifica o humano espírito
Para ser digno de no Céu entrar.*



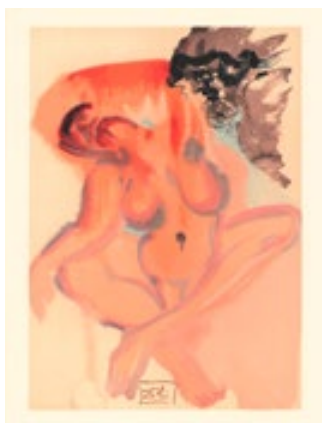
II

*O barqueiro celeste à popa vem.
Em santa beatitude se extasia
E de almas traz a bordo mais de cem.*



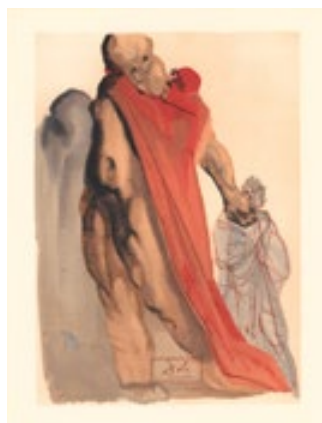
III

*O sujeitar o tempo a medição
Não é o poder de concentrar a alma.
Este liga-se à alma; aquele não.*



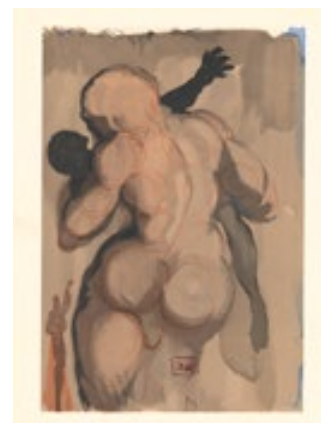
IV

*E, lá chegados, a nós se deparou,
À sombra do rochedo, muita gente,
Nas posturas de quem se abandonou.*



V

*"Que ânimo o teu que o passo já te corta?",
Diz o Mestre. "Acaso é importante
Para ti o que aqui se bisbilhota?"*



VI

*Morremos todos às mãos da violência.
Até à nossa hora pecadores,
A luz do céu, por fim, nos deu ciência,*



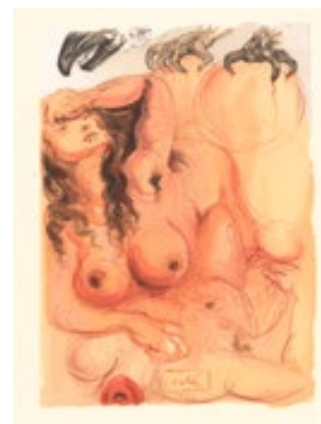
VII

*Dedo na terra, Sordelo desenhava
Uma linha, dizendo: "Estás a ver?"
Oculto o sol, teu pé não a passava.*



VIII

*E vi descer do zênite distante
Dois anjos que empunhavam ígnea espada
Que não tinha nem ponta nem cortante.*



IX

*Em sonhos, suspensa, julguei ver
Uma águia no céu, que planava
E em suas penas de ouro ia descer.*



X

*E parecia, até, que ela dissera
O "Ecce ancilla Dei" tão fielmente
Como figura que se grava em cera.*



XI

*De meus antepassados arroguei
A velha estirpe e os feitos estupendos,
Tanto que a mãe comum já não lembrei,*



XII

*Ó louca Aracne, vi-te enristecida,
Já meio aranha, sobre aqueles restos
Da urdidura por teu mal tecida!*



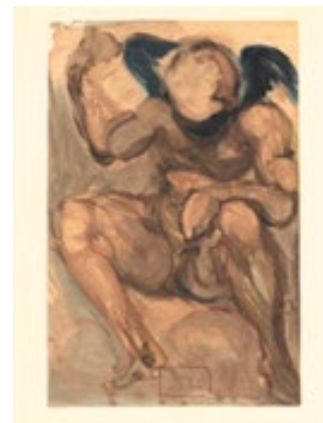
XIII

*Estávamos no cimo das escadas,
Onde é cortado, de novo, aquele monte
Que se sobe para purgar as faltas.*



XIV

*Para elas, então, volvi e disse:
"Ó almas desejosas e seguras
De ver a luz de Deus, vossa ledice,*



XV

*Quando alcançámos o anjo do Senhor,
Com voz alegre, disse-nos: "Entraí".
E a escada era de menor pendor.*



XVI

*Trevas de Inferno ou noite saqueada
Da mínima estrela, sob estreito céu
Em que a nuvem pela nuvem é toldada,*



XVII

*Imaginação, ó tu que nos projectas
Às vezes para tão longe de nós mesmos
Que nem damos pelo som de mil trombetas,*



XVIII

*Iguais, no seu furor, à multidão tebana
Que ao longo do Asopo e do Ismeno
O deus Baco, pela noite, conclama.*



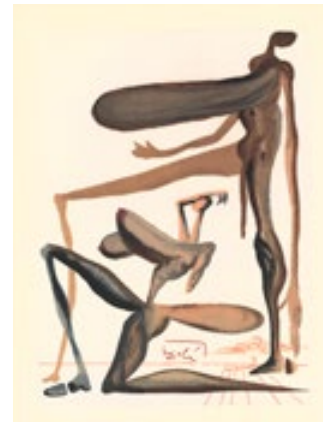
XIV

*"Eu sou", cantava, "sou a doce sereia
Que perde, no mar alto, os marinheiros,
Tão prazidos do canto que os enleia!".*



XX

*"Adhaesit pavimento anima mea",
Diziam com suspiros tão profundos
Que a sua fala mal se ouvia inteira.*



XXI

*Às vezes, na verdade, coisas há
Que, falsamente, fazem duvidar,
Pois a sua razão oculta está.*



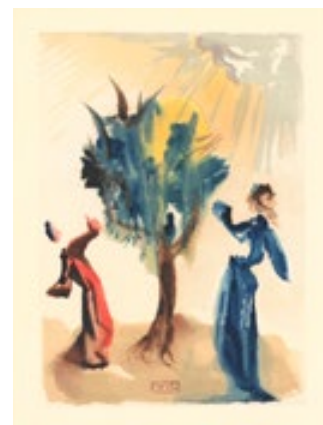
XXII

*Na idade que foi como de oiro,
Tomou a fome sávida a comida
E a sede deu néctar ao arroio.*



XXIII

*Quem poderia crer que um fresco pomo
Perfumado, e assim a mesma água,
Um tal desejo dá, sem saber como?*



XXIV

*"Não se detenham! Afastem-se daqui!
A árvore cujo fruto Eva mordeu
Sobrepuja essa vergôntea, ali".*



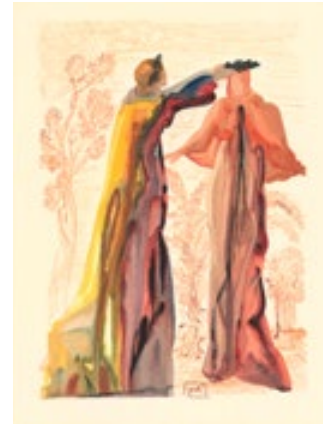
XXV

*Vi espíritos que pela chama iam seguindo.
Eu atentava nos seus e nos meus passos,
A visão por uns e outros repartindo.*



XXVI

*E qual bando de groux que se reparte
Para alcançar o deserto ou os Iperbóreos,
Os gelos evitando, ou o sol, destarte,*



XXVII

*Tua vontade é livre, recta e boa.
Seria errado não a exerceres,
Pois que te imponho a mitra e, mais, a coroa.*



XXVIII

*Teve a humana raiz sua inocência
Aqui, onde flores e frutos são eternos.
Aqui, o néctar de que dão ciência".*



XXIX

*E a Virgílio eu disse: "Este tremor
Que no sangue experimento é o sinal
Do meu antigo, fervoroso amor".*



XXX

*“E um remorso tão grande me tomou
Que, vencido, caí, e esse meu estado
Só conheceu aquela que o causou.*



XXXI

*E através do bosque, que é deserto
Por culpa da que à serpe deu ouvidos,
Guiava-nos dos anjos o concerto.*



XXXII

*Presa da angústia, digo: "E Beatriz?".
E ela: "Está ali, sob a folhagem nova,
Assentada da árvore na raiz".*



XXXIII

*E voltei da água sacrossanta
Refeito já, como de folhas novas
Reverdece e se refaz jovem planta,*

O PARAÍSO





I

*No céu que mais da sua luz se veste
Eu estive e coisas vi que não soubera
Nem pudera contar quem dele desce,*



II

*De benditos motores, o que há mais belo
São os astros, seu santo curso e brilho,
Tal do ferreiro a arte do martelo.*



III

*E eu: "No vosso miraculoso semblante
Resplandece um não sei quê divino
Que vos faz transmutar da imagem de antes.*



IV

*Fez Beatriz, então, o que, um dia,
Fizera Daniel ao acalmar Nabuco
Da sua feroz, cruel e injusta ira.*



V

*Na luz maior do céu a que subia
Eu vi brilhar, feliz, a minha dama,
E a Terra inteira mais resplandecia.*



VI

*E quando o dente longobardo morde
A Santa Igreja, Carlos Magno vem
E à sua sombra vence e a socorre.*



VII

*A dívida pesava-me e eu dizia
De mim para comigo: "Di-la, di-la
A essa de quem bebes a harmonia".*



VIII

*Não me dei conta que ascendia a ela,
Mas nela entrara já, e fui ciente
Quando vi minha dama ainda mais bela.*



IX

*O meu nome era Folco para aquela gente
Que o conhecia e agora dou ao céu
O que dele recebi quando vivente.*



X

*E a voz desses tubos superava
O canto da musa ou da sereia,
Como a luz original a luz herdada.*



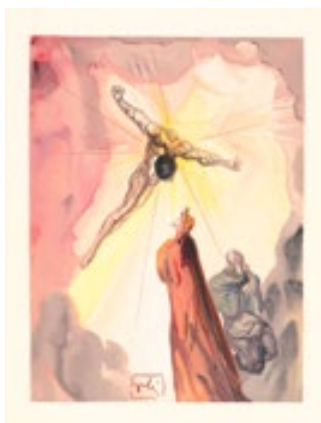
XI

*Como nascem e se encurvam sobre a terra
Dois arcos de igual centro e igual cor
Quando Júpiter o ordena à sua serva.*



XII

*Assim mereceu a Terra a perfeição
Dos seres vivos que nela se geraram;
Assim a Virgem a Anunciação.*



XIII

*Aqui vence a memória a inventiva,
Pois nesta cruz o Cristo flamejava.
Disto não há exemplo que me sirva.*



XIV

*Assim se vêem, lentas ou ligeiras,
Tortas ou direitas, curtas ou compridas,
Dos corpos, cambiantes, as poeiras.*



XV

*Do braço da direita se soltou
Um astro da constelação que refulgia
e, voando, aos pés da cruz tombou.*



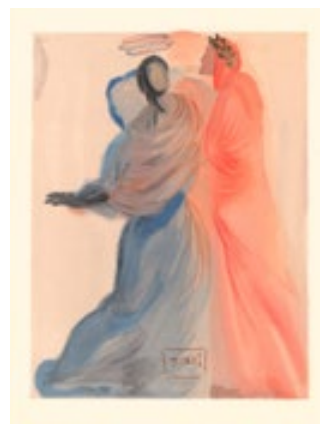
XVI

*E a luz: "Do dia em que o Anjo anunciou
Ao dia em que minha mãe, agora santa,
Do seu ventre (Avê!) me libertou,*



XVII

*De Deus, como ao ouvido pode vir
Doce música de órgão, aos meus olhos
Acorre e se desenha o teu porvir.*



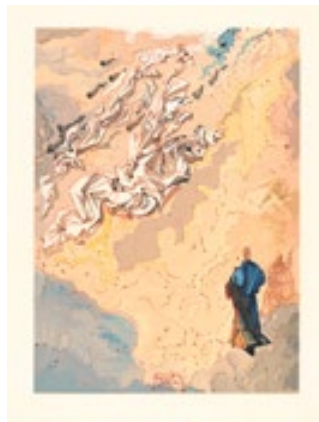
XVIII

*Aquela alma de cristal claro
Já só do pensamento usufruía.
No meu, eu temperava o doce com o amaro.*



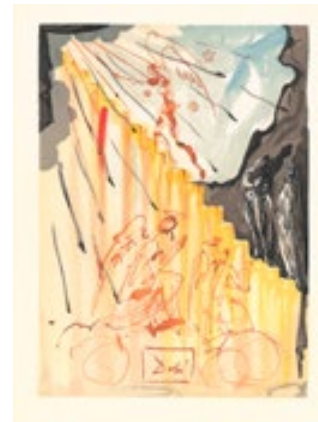
XIX

*Estava ante mim, as asas desdobradas,
A bela imagem e, jubilosa, era
O júbilo das almas enlaçadas.*



XX

*Quando aquele que todo o mundo alumbra
Do hemisfério nosso vai descendo
E o dia se consome na penumbra,*



XXI

*Da cor do ouro e dardejando à luz
Uma escada subia e era tão alta
Que com os olhos o cimo não transpus.*



XXII

*Mas a alma que do céu mais luz extrai,
O Serafim que fita Deus nos olhos,
Ao que perguntas responder não vai.*



XXIII

*E lá é a Rosa em que o Verbo divino
Se fez carne; lá demoram os lírios
Que cheiram como cheira o bom caminho".*



XXIV

*Assim, a circundante melodia
Se encerrava e a Corte soberana
Aclamava o nome de Maria.*



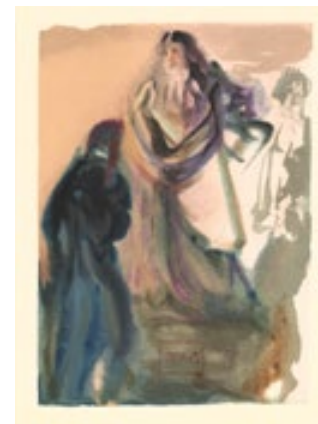
XXV

*Beatriz falou; e essas almas dilectas
Sobre si próprias de júbilo rodaram
Chamejando como as caudas dos cometas.*



XXVI

*E a minha dama, cheia de alegria,
Disse-me: "Olha, olha o grande varão
Por quem tantos peregrinam à Galiza".*



XXVII

*E tu, filho, que lá baixo tornarás
Por tua carga mortal, descerra a boca
E o que eu não calo aqui não calarás".*



XXVIII

*E, assim, exaltados na visão
Pela graça luminosa e o próprio mérito,
Têm firme e potente a decisão.*



XXIX

*Mas agora é força que eu desista
De nos versos perseguir sua beleza,
Como, por derradeiro, cada artista.*



XXX

*Com o gesto e a voz de quem conduz,
Recomeçou: "Agora, eis-nos subidos
Do céu maior ao céu de pura luz".*



XXXI

*E nesse centro, a asa desdobrada,
Mais de mil Anjos vi: eram festivos
E cada um a seu modo fulgurava.*



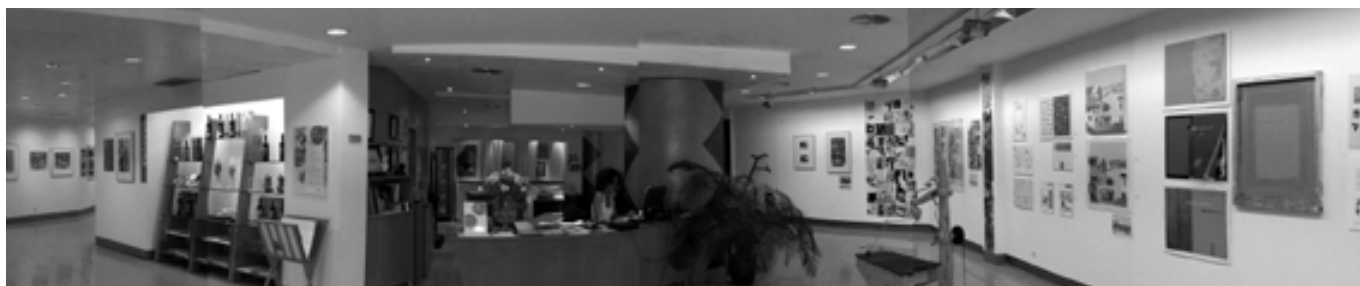
XXXII

*E esse foi o que desceu com a palma
A Maria, quando o Filho de Deus
Escolheu carregar com a nossa salma.*



XXXIII

*Para que desfaças do seu humano barro
A bruma e, a teu rogo de eleição,
Lhe seja Deus, por fim, manifestado.*



CPS Sede

Rua dos Industriais, 6 1249-023 Lisboa

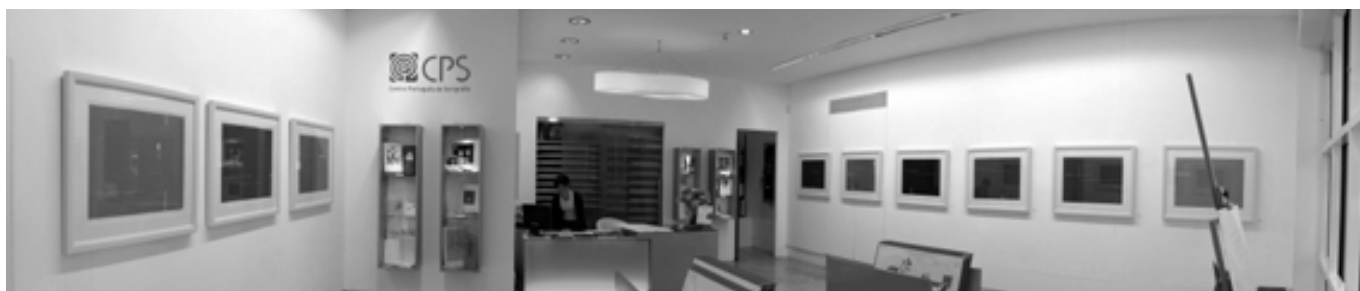
(+351) 213 933 260

contacto@cps.pt

Horário:

Segunda a Sexta das 9h30-19h30 / Sábados das 13h-19h

Encerra Domingos e feriados



CPS no CCB

Centro Cultural de Belém, Loja nº 7

Praça do Império 1449-003 Lisboa

(+351) 213 162 175

cpsccb@cps.pt

Horário:

Todos os dias das 10h-21h



CPS Atelier

Rua dos Industriais, 15 1249-023 Lisboa

(+351) 213 930 032

luisazevedo@cps.pt

Horário:

Segunda a Sexta das 9h30-13h e das 14h-18h